

# Raiz

Colher (jan—dez '25)





*Labra boi labra e torna a labrar  
Pedei ao senhor que nos benha ajudar  
Ei boi a labrar ei  
Ei boi a labrar  
Ei*

*Que dais a quem bos bai ber  
Ó Senhora do Alibio  
Que dais a quem bos bai ber  
Bom terreiro p'ra dançar  
Água fresca p'ra beber  
Ó Senhora do Alibio  
Que dais a quem bos bai ber*

Excerto da letra de “Boiada” do grupo Raízes (LP, Orfeu, 1983)

Lavrar, cantar, colher e resistir.

No final destas páginas encontraremos uma pequena dissertação, por Armando Sousa, sobre um dos registos mais icónicos da música tradicional minhota. “Raízes”, o LP homónimo deste “grupo de acção cultural” de Vila Verde, nascido a 25 de abril de 1980, data de registo da sua primeira aparição pública, constituiu-se, ao longo dos tempos, como uma peça de culto para a redescoberta da produção musical minhota da década de 80. Estávamos em 1983, ano em que Júlio Pereira também lança “Braguesa” (LP, Triângulo), trabalho seminal na exploração do cordofone bracarense. Três anos antes, surgia com “Cavaquinho” (LP, Diapasão), parcialmente focado nas recolhas minhotas e outro registo essencial do músico e compositor. Vivem-se os anos dourados da música de raiz portuguesa.

O reencontro com os instrumentos tradicionais serviria também para a sua eternização. Na cantiga “Boiada” do grupo Raízes, talvez a mais bela e ritmada banda-sonora para as paisagens verdejantes do Minho, permaneceria na voz, no cavaquinho, na braguesa e nos encontros das décadas seguintes, perdurando e resistindo até aos dias de hoje.

É disso que também se trata a música de raiz: de um ato de resistência contra o tempo e os tempos, fortalecendo-se através da comunidade e do saber. Ao longo de 2025, o Clube Raiz resistiu com a música de raiz. Celebrou-a tal como ela é, revigorando-a, mas também a desafiou, expondo-a à contemporaneidade. Lavramos o território que pisamos com a força das mãos e semeamos as vontades e desejos de quem a vive e a quer bem; regámos tudo com a perseverança e a fé de quem acredita que algo de maior irá brotar após tamanho esforço. E, ao nascer de um novo dia, olhamos a terra à nossa maneira, carregada de superstição, prometendo não quebrar a tradição que dos nossos avós já vem. Como na canção de Carlos Tê, «A gente não lê» (e do resto entende mal), mas a gente lavra, resiste e colhe, cantando e tocando.





CLUBE RAIZ

CLUBE RAIZ

RAIZ

CLUBE RAIZ

CLUBE RAIZ



CLUBE

RAIZ

RAIZ

RAIZ

CLUBE

CLUBE

CL







# Por detrás da cortina

por Elvira Lobo

Enquanto esperava que as cortinas se abrissem vi os campos da minha infância, que faziam parte da cidade, e onde ouvia as mulheres a cantar. Aquelas quintas com portões senhoriais, como a quinta do Sr. Bernardino, junto ao parque da Ponte e nos Pelames, a quinta da Capela, a de Sta. Tecla, a de Sottomayor, a dos Granjinhos, a dos Porretas, e não Parretas como agora a rebatizaram, vá-se lá saber porquê, essas e outras que mais tarde cederam os seus espaços para deixar crescer a cidade, uma muralha verde derrubada.

A cidade evoluiu, tinha o seu centro comercial emergente, confinado a três ruas, ruas estreitas e uma avenida larga, praças amplas do Campo da Vinha e do Campo das Hortas, o Largo do Paço e o Rossio da Sé; ainda rodeada pelas quintas amplas. Sim, essas onde se abriam os nossos quintais e nos permitiam ouvir as cantigas enquanto se faziam os trabalhos rurais. O milho crescia tão perto, os bois à roda no estancos regavam, também puxavam carros que chiavam com o peso das suas cargas e circulavam ao lado dos escassos automóveis que transitavam pelas ruas. Os elétricos a dar um ar de modernidade atravessavam a rua do Souto e iam até ao Bom Jesus, nos carris cravados no pavimento. Também iam da Rua da Ponte até Monte d'Arcos...

Enquanto esperava que essas cortinas se abrissem para lançar a minha voz, acalmei pensando que ainda estava lá, nesse mundo rural-urbano da minha infância.

Ouvíamos, com os seus chocalhinhos “as pastoricas”, num diálogo de amigas, entre montes, a Aidinha com a Aidé, no meio da plateia. As cortinas abrem-se, nós sentadas no lugar dos músicos, eles em volta à espera de trocarmos os lugares. Recebo o sinal para subir ao palco e começar com “Ajuntai-vos aqui moças”. Incito as outras para se juntarem a mim e à capela começamos com o S. João de Rei.

Eles vieram com os instrumentos para nos acompanhar e começamos serena e decididamente aquilo para que nos tínhamos preparado há muito. O entusiasmo apoderou-se de todos e foi com convicção, sem falhas, os músicos a embelezar as nossas vozes, aqueles meninos e meninas tão jovens que se apoderaram como nós desse património musical único, as cantigas do nosso canto polifónico.

Não pensamos que iria ser tão fácil “ajuntar” os instrumentos às nossas vozes. Depois de anos à capela agora era “outra louça”. As vozes que antes se estendiam no ar sozinhas, viram-se acompanhadas por instrumentos afinados e criativos, assim em parcerias inesperadas. Ganharam força uns e outros e em conjunto ressoaram em espaço fechado, agora, de forma harmoniosa e poderosa, confundindo o tradicional com o novo, “um diálogo inspirador e enriquecedor”.

Nos campos abertos não seria possível. Pouco provável.

Aquele grupo de jovens alunos de composição, do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, sob a Direção Musical de Paulo Bastos, criaram um “ensemble” para este espetáculo que se fundiu com as nossas vozes, as do Grupo de Cantares das Mulheres do Minho.

Vozes, instrumentos e corações numa sintonia perfeita, “numa abordagem refinada e contemporânea” e, deste modo, se enriqueceu um património associado ao trabalho quotidiano do mundo rural, cantado à capela, e que agora, de forma ousada, se juntava a instrumentos nobres.

O património musical de Braga e do Minho é o ponto de partida para o Clube Raiz. Ilídio Marques, na qualidade de curador do projeto, promoveu o nosso encontro com a música erudita, projeto que se adivinhava desafiador. E foi. Aceitámos. Sob o olhar e ouvido atento da Catarina Carvalho, Diretora Artística, que veio para criar e harmonizar tudo, o possível e o impossível, num trabalho conseguido com sabedoria, firmeza e segurança de quem veio para nos desestabilizar e nos pôs assim, a dançar, a mimar, a cantar, a tocar... a brilhar. Também subjugou o coração de todos.

Uma Mulher do Minho,  
(feliz por ser daqui e a gostar das nossas Portas Abertas ao mundo).







1,99  
€/Kg

Promocão válida de 26/11/2025 a 02/12/2025

1,19

9,99

2,99

1,59

0,79



1,59 €/Kg  
Promoção válida de 28/11/2023 a 01/12/2023

1,59 €/Kg  
Promoção válida de 28/11/2023 a 01/12/2023

1,99

1,99



2,29 €/Kg  
Ponta Da Lapa 500/75 kg

3,99 €/Kg  
Casta de Alentejo 500/75 kg



1,59 €/Kg

**BRAGA25**  
CAPITAL  
PORTUGUESA  
DA CULTURA



BRAGA25  
CAPITAL  
PORTUGUESA  
DA CULTURA

BRAGA25  
CAPITAL  
PORTUGUESA  
DA CULTURA





# O que é verdadeiramente tradicional é a invenção do futuro\*

A tranquilidade reinava ao início da tarde daquele sábado de novembro, quando o outono se aproximava do fim. As instalações do Centro Paroquial de Sequeira ficam num edifício novo. As suas longas vidraças permitem um olhar aberto sobre a veiga que dali se estende.

No exterior do Centro, apreciando o calor do Sol, está Rui Lemos Souza, momentos antes de entrar em ação na cozinha, onde irá confeccionar o prato tradicional desta última Roda da Tradição.

Realizaram-se quatro encontros ao longo do ano, em quatro freguesias do concelho de Braga: em Padim da Graça, estivemos na Casa dos Carvalhos, onde falamos sobre as relações entre “O Canto Polifónico e a Vida no Campo”; em Cunha, fomos conhecer o espaço da Comissão de Festas da Nossa Senhora do Carmo, debatemos e questionamos a “Música Tradicional Portuguesa — de onde viemos e para onde vamos?”; em setembro fomos à freguesia de Crespos, refletimos sobre o característico cordofone de Braga e indagamos “Que braguesa é essa?”; e, por fim, em Sequeira, o tema de conversa foi “Do Minho à Galiza: o que canteis/tocais vós?”.

Música, tradição e gastronomia são os temas centrais desta série de encontros. Ouviu-se música ao vivo ao longo do ano e em cada Roda da Tradição, com, respetivamente, o Grupo de Música Popular da Universidade do Minho, o grupo Canto d’Aqui, o grupo Origem Tradicional e, neste último encontro em Sequeira, contámos com a Orquestra de Cordofones Tradicionais de Braga.

Na cozinha, todos se preparam para começar o trabalho, vestindo o avental. O chef Rui Lemos Souza transmite as primeiras indicações. Dirige-se a um grupo composto por voluntários e por pessoas locais, que já estão acostumadas a utilizar aquele espaço. É o caso de Lucinda e João Gomes, já empenhados na preparação de umas bifanas à moda do Porto, que acompanharão o caldo verde do Chef. Em cima da mesa estão dispostos os ingredientes, que hão de acabar na grande panela.

Preparar um prato tradicional e servi-lo à mesa, a meio de uma conversa, foi o desafio inicial acolhido por Rui Lemos Souza, que propôs abordar a cozinha tradicional sob uma perspetiva contemporânea. Segundo nos diz, foi muito positivo desafiar as pessoas a confeccionar os pratos de forma diferente, sem que a essência se perca. “Se fizermos com que a nossa gastronomia se torne contemporânea, estamos a garantir que as tradições não se perdem” — diz-nos.

No piso de cima, a longa mesa já está completamente ocupada. No centro estão os agitadores da conversa, com quem nos fomos cruzando ao longo deste último ano nas atividades do Clube Raiz — Armando Sousa, Daniel Pereira Cristo, Jaime Torres e o músico galego Anxo Pintos. A conversa dirigiu-se naturalmente para as relações do Norte de Portugal com a Galiza, em termos culturais e particularmente no domínio da música.

As recolhas musicais são um exemplo demonstrativo de que a música que se faz dos dois lados da raia tem muitas semelhanças. É como se essas evidências contrariassem a existência de uma fronteira administrativa. É isso que Jaime Torres tem procurado provar nos projetos em que se envolve.

Ao puxar as tradições para a contemporaneidade, fala-se, na verdade, muitas vezes de futuro, defende Daniel Pereira Cristo. Na medida em que, por exemplo, os sistemas de ensino deverão ter em consideração aspetos da tradição e ensiná-los. Anxo Pintos defende a necessidade de criar escola, reinventando a tradição — “é importante trabalhar o ensino da construção de instrumentos tradicionais, formar artesãos e artesãs”, refere o músico de Vigo.

A enorme tela de vidro que atravessa a sala permite perceber o escuro da noite. Num dos topos da sala há estruturas erguidas e mecanismos descobertos, o que sugere que algo está em construção. Trata-se do famoso presépio de Sequeira, uma tradição muito antiga.

Enquanto se saboreava o caldo verde do Chef e as bifanas do João e da Lucinda, a majestosa Orquestra de Cordofones Tradicionais de Braga interpretava temas tradicionais e ligeiros.

Música, tradição e gastronomia foram os propósitos que se cruzaram ao longo das quatro edições da Roda da Tradição projetando outras relações através da conversa, do conhecimento, dos testemunhos e dos sabores. O Clube Raiz foi apenas um propósito. Encontros com conversa, música e comida continuarão a fazer-se porque, afinal, são essenciais no modo como nos relacionamos.



**FESTA EM HONRA  
Nª SENHORA DA GRAÇA  
2024/2025  
OBRIGADO PELA VISITA**













# SÃO JOÃO DE BRAGA



# Ana Lua Caiano e Bandua no São João de Braga: a tradição em estado de reinvenção

por Rui Miguel Abreu

O São João de Braga oferece todos os anos uma coreografia que a cidade conhece de cor: as ruas pintadas de luz, o compasso grave dos bombos que se ouve antes de se verem os músicos, o fluxo contínuo de pessoas que se deixam levar como se o movimento fosse instintivo. É um ambiente em que a música popular não se apresenta, simplesmente acontece. Foi neste cenário, carregado de memória e de quotidiano festivo, que Ana Lua Caiano e Bandua encontraram espaço para uma experiência que procurou mais do que dialogar com a tradição. Quis perceber até onde esta pode ser levada sem abdicar do que a torna reconhecível.

O convite do Clube Raiz pedia uma espécie de laboratório em palco: um encontro entre dois projetos que tratam a música de raiz como matéria aberta, em permanente transformação, e que se reconhecem na vontade de a deslocar da redoma da memória para a urgência criativa do presente. Ana Lua Caiano, com a sua arquitetura vocal feita de camadas, repetições, pequenas mutações melódicas e um domínio intuitivo da respiração enquanto elemento rítmico, leva para o palco uma gramática própria que tem sido amplamente aplaudida dentro e fora de portas. A tradição aparece não como citação direta, mas como sugestão de gesto e memória, filtrada pela linguagem minimalista e a eletrónica que lhe confere distinta personalidade.

Bandua, o duo de Edgar Valente e Tempura the Purple Boy, parte de outro eixo geográfico e emocional. A Beira Baixa surge como profundo reservatório de imagens, melodias e pulsos que ganham nova topografia quando atravessados por ambientes eletrónicos densos, quase telúricos. A voz de Edgar, de timbre profundo e textura antiga, age como âncora afetiva num tecido musical que se revela mais contemporâneo do que a superfície rural possa sugerir. Tempura, atento às máquinas, trabalha a eletrónica como campo expandido, onde o som se desdobra em atmosferas que tanto acolhem o canto como o projetam para um espaço inesperado.



O concerto partiu deste território duplo e procurou ampliá-lo. A proposta curatorial exigia que os artistas tocassem temas uns dos outros e compusessem música inédita para esta ocasião. O resultado foi um conjunto de momentos em que as fronteiras entre universos estéticos se tornaram permeáveis ou até mesmo inexistentes. As canções de Caiano ganharam densidade e sombra quando atravessadas pela produção de Bandua, enquanto os temas de Bandua se abriram à luz e ao desenho claro das linhas vocais de Caiano. As duas novas composições apresentadas funcionaram como síntese deste encontro: paisagens sonoras em que a circularidade rítmica, tão própria da oralidade tradicional, coexistiu com texturas digitais que dilatam a percepção temporal.

A leitura de um tema de António Variações, artista que em tempos se disse existir entre Braga e Nova Iorque, ou seja, entre a tradição e o futuro, introduziu um ponto de contacto simbólico com outra genealogia da música portuguesa. Variações soube, antes de muitos, que a tradição é dinâmica e que a identidade cultural se renova no momento em que alguém decide habitá-la de outra forma. A presença desta referência funcionou como gesto de filiação e, simultaneamente, de liberdade estética: não se tratou de homenagear um passado, mas de inscrever o concerto numa continuidade de transformação.

O desfecho, com a entrada em palco dos grupos bracarenses Ida e Volta e Bombos Com Alma, introduziu a dimensão comunitária que a música tradicional sempre reclamou. A percussão coletiva devolveu à performance a força primordial do ritmo enquanto pulsação partilhada. A eletrónica respondeu-lhe sem antagonismo, antes com uma escuta sensível que permitiu um equilíbrio improvável. O resultado foi um fecho que não opôs passado e presente, mas que os colocou em simultaneidade luminosa. O que este concerto demonstrou, no contexto do Clube Raiz, foi a possibilidade de pensar a música tradicional como campo de criação e não como património inerte. A modernidade não é aqui um simples verniz aplicado sobre a tradição. É o lugar natural onde a raiz continua a crescer, desafiando formatos e expectativas, ligando-se ao mundo que existe hoje sem perder a energia que vem de trás. No São João de Braga, em plena festa popular, esse gesto adquiriu uma força particular. A música inseriu-se no espaço pleno de memória viva e, nesse encontro com o real, revelou a vitalidade profunda da cultura que a inspirou.







# Arruadas Clube Raiz

## Quando Braga pulsou a uma só batida

As Arruadas do Clube Raiz fizeram história. Em junho, durante o São João, e em setembro, na Noite Branca, centenas de tocadores ocuparam as ruas com a força ancestral da percussão comunitária, transformando o centro histórico num espaço de encontro, convívio e criação partilhada. Entre bombos, caixas e timbalões, a cidade encontrou um ritmo coletivo que atravessou gerações.

Partindo do Arco da Porta Nova e abrindo caminho pela Rua do Souto até à Praça da República, foram sete os grupos locais que deram vida ao percurso: Equipa Espiral, Ida e Volta, Bombart, Bomboémia, IPUM, Bombos com Alma e Espinho Rufar. Dezenas de tocadores independentes juntaram-se ao cortejo alargado, fazendo o som ecoar entre as fachadas e ruas, atraindo quem passava para a marcha.

Dirigir mais de uma centena de tocadores exige método, visão e gestão de emoções. O diretor artístico, Rui Rodrigues, sabia-o bem e impôs uma cadência clara: evitar tempos mortos, criar unidade entre grupos e transformar a rua num espaço de escuta e interação entre quem toca e quem assiste. Rui foi lendo o ambiente e adaptando o cortejo: parava o grupo para criar momentos de suspensão, lançava diferentes temas conforme o ambiente e pedia respostas da multidão. “Gosto muito de envolver o público, essa energia alimenta o grupo”.

Nas palavras da Equipa Espiral, tratou-se de “uma experiência muito enriquecedora”, destacando a atmosfera criada quando tantos grupos distintos tocam lado a lado. O essencial está na partilha que tem por base a música, a tradição e o espírito comunitário. “Sentimo-nos parte de algo maior, de uma celebração coletiva onde todos contribuem em prol da cidade.”

Para o grupo Ida e Volta, a iniciativa foi também uma oportunidade para reforçar laços: “Para nós nem foi opção não participar”, explica Martim Freitas. “Estas atividades são muito importantes para o convívio entre os grupos e é isso que reforça o espírito do associativismo.” Para Martim, a experiência ajudou a fortalecer uma comunidade que existia, mas que estava pouco articulada: “Existem vários grupos de percussão e Zês Pereiras em Braga, mas a comunidade não estava muito cultivada. Estas arruadas serviram, principalmente, para criar uma comunidade mais forte.”

A diversidade de linguagens musicais entre grupos trouxe desafios. Cada grupo tem a sua identidade e conciliar diferentes pulsações, formações e modos de trabalho, exige escuta e flexibilidade, sobretudo num contexto onde quase todos os participantes são voluntários. Mas é precisamente dessa diversidade que nasce a dimensão mais gratificante: “Quando todos se juntam, cada qual com a sua linguagem musical, o resultado é sempre maior do que a soma das partes”, sublinha a Equipa Espiral. “Há uma sensação de união e de criação partilhada que só nasce neste tipo de encontros.”

Esta diversidade é também geracional e percebe-se na continuidade dos gestos e das práticas. No Ida e Volta, Martim Freitas, com 21 anos, integra o grupo “praticamente desde sempre”, seguindo um percurso de transmissão informal iniciado pelo pai, membro do coletivo desde os primeiros tempos. A tradição aprende-se no fazer e na partilha, num processo vivo que se abre a novas gerações. A Equipa Espiral reforça essa visão, assumindo um papel ativo na renovação das práticas de percussão comunitária, entre respeito pelas raízes e a abertura a novas formas de composição e envolvimento.

No final, as duas arruadas fortaleceram a comunidade. Grupos antigos e recentes, tocadores experientes e iniciantes, famílias, crianças e curiosos juntaram-se num gesto coletivo que trouxe proximidade e sentido de pertença. Como afirma Rui Rodrigues, a cultura transforma quando está em movimento. Em Braga, estes dois desfiles mostraram como a percussão pode unir uma cidade inteira ao ritmo de uma única batida.











ARTIGO EM FOLHETO  
Nabo (Mo)

MERGANDO PELA SUA PREFERENCIA  
Sempre



# Porque parece que estamos sempre muito longe...

por Carlos A. Correia

A Outra Voz e a ODE (Orquestra de Dispositivos Electrónicos) têm em comum um propósito muito claro: criar oportunidades reais de envolvimento comunitário em linguagens expressivas que se reinventam continuamente.

A Outra Voz aborda a prática do canto partilhado pela sua tradição menos rígida, informal e não uniformizada, reabrindo-a a uma pluralidade de corpos, timbres, idades e modos de experienciar o som, ao passo que a ODE desafia a noção convencional do instrumento musical ao integrar dispositivos eletrónicos, objetos quotidianos, etc., permitindo que qualquer participante encontre lugar como contribuinte para um gesto sonoro comum. Em ambos os casos, as estéticas resultantes não são meras somas de contributos individuais, mas sensibilidades entrecidas num manto composto pelo diverso.

Estas práticas artísticas podem ser vistas como pequenas inflexões, com o potencial de ecoar nas redes de vizinhança e nos modos de vida das relações em torno de cada participante. Elas perturbam as rotinas habituais e introduzem momentos de partilha que, embora discretos, têm um potencial transformador profundo. São exercícios de imaginação coletiva que se contrapõem às lógicas de competição, aceleração e consumo que hoje moldam grande parte da vida urbana. A criação em conjunto — seja por via da voz ou da experimentação sonora e/ou vocal — torna-se, assim, uma forma de resistência suave, um ensaio de convivialidade e uma possibilidade de construir uma sociedade um pouco mais porosa, menos isolada e mais atenta ao outro.

É neste enquadramento que o encontro entre a Outra Voz e a ODE assume uma relevância particularmente simbólica. Não só pela colaboração artística de dois coletivos com elementos em comum, mas por exemplo, pelo dispositivo cénico da apresentação. Os dois grupos, frente a frente, evocam a tradição do cantar ao desafio, profundamente enraizada na cultura oral do Minho, onde duas ou mais vozes, se colocam frente a frente para brincar a uma provocação ambígua, de duplo sentido, poética. Onde se desafia mas, sobretudo, se escuta para responder. Um exercício lúdico de autorregulação social só possível quando existe diálogo.



De modo semelhante, a apresentação entre os dois coletivos representou o mesmo gesto cênico de desafio e também foi sustentada pela escuta. Com a diferença de materializar num só objeto sonoro, as diferentes sensibilidades e tessituras sonoras dos grupos, através da mediação de Angélica Salvi e Madalena Gonçalves, que dirigiram musicalmente, lado a lado, ambas as “faces” deste efêmero super coletivo. O palco converteu-se num espaço de espelho mútuo, onde tecnologias e vozes, máquinas e respirações, cidades e comunidades, se observam reciprocamente.

Esta imagem é ainda mais significativa no contexto das tensões históricas entre Braga e Guimarães. Ao longo das últimas décadas, ambas as cidades investiram fortemente na construção de marcas culturais próprias, reforçando infraestruturas, centros artísticos, festivais, equipamentos de lazer e media locais. Acrescem a estas dinâmicas, modelos de consumo e entretenimento que procuram fixar os seus habitantes como consumidores de experiências.

E neste processo, parece que as cidades vizinhas se tornam mutuamente transparentes. Ambas uniformizadas e alheias ao que se passa ao lado. Porque a nossa urbe nos ocupa obsessivamente.

Com este contexto de pano de fundo, o encontro entre a Outra Voz e a ODE é a reunião de dois coletivos de duas cidades historicamente rivais, que se inscrevem na possibilidade do encontro nas suas diferenças. Frente a frente, abertos ao reconhecimento do outro como parte essencial do mesmo território sensível. Uma imagem que devolve densidade ao espaço entre as cidades, transformando-o de fronteira invisível em ponte possível.

O investimento no exercício criativo conjunto torna-se assim uma forma de contraposição à letargia que advém de um “eterno entretenimento”. É afirmar que a cultura não existe apenas para atrair visitantes ou dinamizar economias mas para criar vínculos e reinventar o comum. A participação artística deixa de ser um complemento social para se tornar um exercício de cidadania, de escuta e de imaginação política.

A colaboração entre a Outra Voz e a ODE, mais do que um espetáculo, funciona como a imagem de uma nova relação possível entre comunidades e cidades. Um ensaio sensível sobre como o território pode ser repensado pela arte: como um tecido vivo, interdependente, em permanente transformação. Talvez seja aqui, neste gesto de escutar e ser escutado, que se entrevê o esboço de uma nova humanidade — construída não a partir da competição, mas da possibilidade luminosa do encontro.















# Oficinas do Clube Raiz

## Raízes que se aprendem a ouvir, a tocar e a cantar

Numa época em que a atenção se mede em segundos, e já tem dificuldade em resistir ao *scroll* infinito, dezenas de pessoas escolheram dedicar um fim de semana (dois dias!) a aprender mais sobre percussão, cavaquinho, canto polifónico e viola braguesa.

Sem o fantasma da “utilidade prática” e apenas com o desejo de conhecer melhor um instrumento, uma técnica ou uma tradição, as oficinas do Clube Raiz confirmaram que, quando se cria o contexto certo, há muita gente disposta a parar, escutar e mergulhar no património que nos pertence.

Passaram pelas oficinas pessoas de várias idades, formações e geografias, unidas por uma curiosidade comum. Eduardo Ferreira sentiu esta diversidade na oficina de percussão: “A diversidade geracional e de experiência dos participantes fomentou a entreatajuda e a boa disposição.” Já Diana Salazar, colombiana a descobrir a cultura portuguesa, participante da mesma oficina, acrescenta outra camada: tocar lado a lado com desconhecidos fez com que percebesse como o ritmo cria uma língua comum, capaz de ultrapassar fronteiras.

A oficina conduzida por Rui Rodrigues mostrou, precisamente, a força comunitária da percussão tradicional, até porque, como realça o formador, estes instrumentos nasceram de práticas coletivas, partilhadas no trabalho e na festa. Tocá-los em conjunto não é apenas aprender movimentos, é reencontrar o sentido de pertença.

Na oficina de cavaquinho, Daniel Pereira Cristo apostou em mostrar as diferentes capacidades do cordofone, o que foi muito valorizado pelos formandos. “É fácil começar, mas para compreender o instrumento precisamos de rigor e, para isso, temos de aprender a técnica”, afirma. O contacto direto com métodos de afinação, tipos de cordas e abordagens técnicas abriu novas portas para aprofundar a prática no futuro. Bruna Teixeira, que já tinha alguma experiência no cavaquinho, sublinhou o impacto de visitar as origens do instrumento e de compreender melhor o seu percurso histórico.



No canto polifónico, o impacto foi visceral. Dinamizada pelo Grupo de Cantares Mulheres do Minho, a oficina combinou investigação, técnica vocal e transmissão direta de um património que vive sobretudo na voz. Maria Carlota Sousa descreveu a oficina como uma experiência “intensa e humana”, destacando o momento em que percebeu a função social dos cantares, ligados ao trabalho, ao quotidiano e às comunidades femininas do Baixo Minho. Braulio Moura, brasileiro a viver há pouco em Braga, destacou como a divisão das vozes e a força emotiva das harmonias lhe mostraram uma dimensão cultural que desconhecia.

Para Elvira Lobo, uma das formadoras, “cantar a várias vozes é um jogo subtil entre individualidade e coletivo, de enriquecimento do eu no meio dos outros, de autoconhecimento respeitando a harmonia do conjunto”. Quem participou sentiu isso de forma muito direta.

A oficina de viola braguesa, conduzida por Luís Capela, levou à descoberta de um instrumento que, embora com raízes antigas, continua em construção. O formador alternou teoria, demonstração e prática, num ritmo que surpreendeu os formandos pela leveza. A disponibilidade de uma viola para cada participante foi decisiva para que muitos tivessem o primeiro contacto real com o instrumento e para que saíssem da oficina a tocar algo concreto. Gláucia Prismich ficou impressionada: “Superou as expectativas. Não imaginava que teria um instrumento comigo o tempo todo.” Para outros, como Sara Ferreira e António Lopes, a oficina trouxe utilidade imediata: já integram um grupo folclórico e agora sentem-se preparados para assumir a braguesa quando for necessário.

Em todas as formações houve um ponto comum: a percepção de que estes instrumentos, estas vozes e estas práticas não pertencem ao passado, pelo contrário, ganham sentido quando projetadas no futuro. O entusiasmo dos formadores, a vontade de fazer escola e criar aulas regulares, juntamente com a energia de quem participa pela primeira vez, tudo isto revela um movimento em construção.











# Uma utopia chamada Seara

por Armando Sousa

Chamavam-lhes índios pelo aspeto das barracas onde, a partir da década de cinquenta do século passado, se instalaram nas imediações da Meia Praia, em Lagos. Dali partiam para o mar, à procura do peixe que lhes dava o sustento, numa época em que a pobreza caracterizava Portugal. O 25 de Abril trouxe então a democracia, o direito à habitação e um projeto visionário que tornou os índios da Meia Praia num exemplo de esforço comunitário e numa inspiração para criadores como José Afonso ou António da Cunha Telles. Não terá sido portanto casual a escolha desta canção para encerrar o concerto que aconteceu no Theatro Circo e que simbolizou o fim de um capítulo musical em Braga.

Já o disse do palco o sempre eloquente Daniel Pereira Cristo, de cravo ao peito, que José Afonso era quem unia os presentes em torno desta “bonita utopia com que todos sonhamos”. E uniu. Do lado de lá, Manuel d’Oliveira, Rão Kyao, Amélia Muge e Júlio Pereira, acompanhados por Miguel Veras e Quiné Teles; do lado de cá, uma sala cheia. Emotivamente, todos entoaram em unísono aquelas notas que fazem parte da memória coletiva de muitos. Resta agora saber se as palavras de Daniel se referiam à música tradicional ou à vida, mas no fundo uma e outra coisa vão de mãos dadas.

O músico bracarense serviu de anfitrião a esta constelação estelar da música tradicional portuguesa que se reuniu a convite do Clube Raiz para criar um repertório único, representativo dos diferentes aspetos que se fundem na música: tradição, inovação e diálogo artístico. Foi aliás em diálogo que se iniciou este concerto, quando Daniel Pereira Cristo atendeu à chamada do outro minhoto presente, Manuel d’Oliveira. A paisagem em movimento evocada pelo instrumental Nicolinas teve como resposta um arranjo para a tradicional Senhora do Alívio. Entre o público comentava-se que aquilo não se cantava assim, mas o mote já estava dado. Com razão o espetáculo se chamava *Seara – A Música Portuguesa em Evolução*. E o que se viu em palco foi precisamente um elogio necessário à diversidade e à integração.

Naturalmente, não há ninguém melhor do que três figuras como Rão Kyao, Amélia Muge e Júlio Pereira para personificar um percurso caracterizado por esses vetores. Empurradas pela percussão, as palavras de Muge elevaram-se então quais encantadoras de violas e flauta que a rodeavam e desembocaram numa evocação a Cabo Verde chamada Malhão Morno, que foi uma homenagem a Sara Tavares, também ela parte desta grande utopia. A partir deste momento as cordas e as correntes que uniam aqueles músicos não se voltaram a soltar. Arrancadas dos vales e empurradas pelos rios que desenham esta terra, as melodias que encheram a sala partiram pelo mar numa viagem ao encontro da imaginação. Dali vislumbraram-se paisagens e evocaram-se noites, do Minho de Daniel Pereira Cristo e Manuel d'Oliveira ao Alentejo de Rão Kyao e Júlio Pereira. Porque a música, como o silêncio, não olha a fronteiras, ouve-se lá ao longe.

Se foi na imensidão do mar que se inventou a saudade, foi na distância que aprendemos a amar. E claro, o remédio em muitos casos é cantar. Cantar para embalar, cantar para lutar, cantar a vozes. Amélia Muge lembrou assim em *O Tempo Arrefece* e em *Vai-te Cuca*, os diferentes usos da canção, que ainda hoje continua a ser uma arma. Uma arma que nos recorda os Índios da Meia-Praia mas também a importância do diálogo constante entre memória, tradição e evolução. Algo que os protagonistas deste concerto fizeram durante décadas e que o Clube Raiz tentou promover ao longo do último ano. Porque sem utopias, nada nos resta.











# Tange-me um sino na torre

por Raul Pereira

Tange-me um sino na torre — meu corpo verte  
Dei-me pela alma perdida, não me converte  
As saias negras não rodam o c'os lenços choram  
Saem do adro os homens e já se demoram

Bate a chuva certinha e sempiterna  
Vinhas da veiga colhidas, moura na caverna  
Da *maurga* amarga do tinto nada se recolhe  
Agruras, choro e razão — tudo se me tolhe

No estranho da infância pasmada, por entre tonéis  
Panos de cores, aventais, socas e anéis  
Não sei se o passado vale, se lavro ou navego  
Vejo um futuro que é tudo, mas se me despego

Ainda s'espelham p'los montes e granjas virentes  
Sombras dos muros graníticos, medos e valentes  
E passos dos que fugiram, lá longe e para fora  
Nas noites escuras da história c'a malta ignora

Gostava de poder mais, gritar concertinas  
Dançar romarias inteiras, rezar vespertinas  
Mas fui criança n'aldeia, colhendo da bosta  
Lutei a luta dos justos, trilhei a encosta

Se pedirem que eu cante o sonho do norte  
Lamento, não sei o que diga: talvez uma sorte  
Se acharem qu'isto é lindo, que subam à serra  
Na guerra do vento à água, do mar beijo a terra

Cantarei, contudo, do extremo, e até da Galiza  
Da família que somos cá, do sangue uma brisa  
E dos risos qu'estouram foguetes, escondendo a dor  
Que escoando de rasas antigas germina em amor

E na corrente do tempo, olari-lo-lé!  
Passando a vida no verde, assim é que é  
Nada mais se m'abriga naquilo que sou  
O Minho é tudo o que devo, mais longe eu não vou



Este poema foi musicado e cantado para «a sua família do Minho»  
por Alexandre Gamela, acompanhado pela voz da minhota  
Catarina Pereira. No entanto, ele é oferecido pelo autor, livre de  
direitos à exceção da atribuição, a quem também o queira fazer.





25 JANEIRO 2025

# Grupo de Cantares Mulheres do Minho + Conservatório de Música Calouste Gulbenkian

AUDITÓRIO ADELINA CARAVANA  
MÚSICA – PÁG. 11

3 FEVEREIRO A 15 MARÇO 2025

# XI Edição Festival Cultural Convergências Portugal/ Galiza

MÚSICA / CONFERÊNCIAS / CINEMA

15 + 16 MARÇO 2025

# Oficina de Percussão Tradicional com Rui Rodrigues

AUDITÓRIO MULTIUSOS DA JUNTA DE FREGUESIA  
DE SÃO VICENTE  
FORMAÇÃO – PÁG. 55

5 + 6 ABRIL 2025

# Oficina de Cavaquinho com Daniel Pereira Cristo

AUDITÓRIO DA JUNTA DE FREGUESIA DA SÉ  
FORMAÇÃO – PÁG. 55

29 MARÇO 2025

# Roda da Tradição #1

CASA DOS CARVALHOS, PADIM DA GRAÇA

Gastronomia:  
Comer a Paisagem  
com Rui Lemos Souza

Conversemos sobre:  
o canto polifónico  
e a vida no campo,  
com Armando Sousa,  
Maria do Rosário Pestana,  
Associação Canto a Vozes  
– Fala de Mulheres,  
Cantadeiras do Campo  
do Gerês e Grupo de  
Cantares Mulheres do Minho

Atuação do Grupo de Música  
Popular da Universidade  
do Minho

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA – PÁG. 21

14 JUNHO 2025

## Roda da Tradição #2

ESPAÇO DA COMISSÃO DE FESTAS DA NOSSA SENHORA  
DO CARMO, CUNHA

**Gastronomia:**  
**Comer a Paisagem**  
**com Rui Lemos Souza**

**Conversemos sobre:**  
**música tradicional**  
**portuguesa, de onde viemos**  
**e para onde vamos?,**  
**com Armando Sousa,**  
**Francisco Malheiro,**  
**Sara Yasmine,**  
**António Sérgio**  
**e José Moças**

**Atuação do grupo**  
**Canto D'Aqui**

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA - PÁG. 21

17 A 24 JUNHO 2025

## São João de Braga

FESTA / ROMARIA

19 JUNHO 2025

## Arruada Clube Raiz #1

**Percussão comunitária**  
**bracarense em movimento**

PERCURSO: ARCO DA PORTA NOVA >  
RUA DO SOUTO > PRAÇA DA REPÚBLICA  
MÚSICA - PÁG. 37

20 JUNHO 2025

## Ana Lua Caiano + Bandua

AVENIDA CENTRAL  
MÚSICA - PÁG. 31

10, 11 E 12 JULHO 2025

## XV Edição Festival Castro Galaico — Música e Tradição

MONTE DA NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO, NOGUEIRÓ  
MÚSICA

12, 20, 23, 24 E 25 JULHO 2025

## Sons do Noroeste — Festival de Música

VÁRIOS LOCAIS, BRAGA  
MÚSICA

6 SETEMBRO 2025

## Orquestra de Dispositivos Eletrónicos & Outra Voz

SALÃO MEDIEVAL DA UNIVERSIDADE DO MINHO  
MÚSICA – PÁG. 45

7 SETEMBRO 2025

## Arruada Clube Raiz #2 Percussão comunitária bracarense em movimento

PERCURSO: ARCO DA PORTA NOVA > RUA DO SOUTO >  
PRAÇA DA REPÚBLICA  
MÚSICA – PÁG. 37

20 SETEMBRO 2025

## Roda da Tradição #3

ADRO DA IGREJA PAROQUIAL DE CRESPOS,  
COMISSÃO DE FESTAS DE SANTA EULÁLIA

### Gastronomia: Comer a Paisagem com Rui Lemos Souza

### Conversemos sobre: que braguesa é essa?, com Armando Sousa, B Fachada, Daniel Pereira Cristo (em substituição de José Gonçalves) e Luís Capela

### Atuação do grupo Origem Tradicional

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA – PÁG. 21

4 + 5 OUTUBRO 2025

## Oficina de Canto Polifónico com Grupo de Cantares Mulheres do Minho

GNRATION  
FORMAÇÃO – PÁG. 55

8 NOVEMBRO 2025

## Roda da Tradição #4

SALÃO PAROQUIAL DE SEQUEIRA

**Gastronomia:**  
**Comer a Paisagem**  
**com Rui Lemos Souza**

**Conversemos sobre:**  
**do Minho à Galiza,**  
**o que cantais/ tocais vós?,**  
**com Armando Sousa,**  
**Anxo Pintos,**  
**Daniel Pereira Cristo**  
**e Jaime Torres**

**Atuação da Orquestra**  
**de Cordofones Tradicionais**  
**do Minho**

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA – PÁG. 21

15 + 16 NOVEMBRO 2025

## Oficina de Viola Braguesa

**com Luís Capela**

MUSEU DO TRAJE DR. GONÇALO SAMPAIO  
FORMAÇÃO – PÁG. 55

19 DEZEMBRO 2025

## Seara — A Música Portuguesa em Evolução

**Amélia Muge,**  
**Daniel Pereira Cristo,**  
**Júlio Pereira,**  
**Manuel d'Oliveira,**  
**Miguel Veras,**  
**Quiné Teles e Rão Kyao**

THEATRO CIRCO  
MÚSICA – PÁG. 63

# Resistir e cantar

## *Raízes* Raízes

Nesta edição, Armando Sousa propõe-nos o quarto disco de quatro que selecionou para a revista Raiz — quatro visões ecléticas sobre o local e o tradicional da música portuguesa, convocando-nos para a sua audição.





RAIZES

MÚSICA TRADICIONAL PORTUGUESA  
Grupo de estudo cultural



Conhecidos popularmente como Raízes, este grupo oriundo de Vila Verde carrega, na sua discografia e atividade de décadas, o peso da história da democracia portuguesa e da sua relação com a música tradicional. Na capa do seu primeiro disco, publicado em 1982 pela malograda e saudosa Orfeu, além do nome do grupo e de uma ilustração que, como era apanágio da discográfica portuense, coloca o vanguardismo gráfico ao serviço do conteúdo musical, podem ler-se *Música tradicional portuguesa e Grupo de acção cultural*. Dois conceitos que dizem muito da labor deste conjunto musical, formado em 1980, na sequência de um período conturbado da nossa história.

Quando em 1976, o Grupo de Acção Cultural (também conhecido como GAC), formado logo a seguir ao 25 de Abril por alguns dos grandes nomes da canção revolucionária como José Mário Branco ou Fausto Bordalo Dias, lançou o seu segundo álbum *Pois Canté!!*, procurava tomar uma nova direção relativamente ao seu trabalho anterior, agora mais próxima ao cancionário tradicional, afastando-se assim de um repertório marcadamente urbano e politizado. Em *A voz do cantor eleva a classe: o Grupo de Acção Cultural Vozes na Luta nos anos da revolução, 1974-1976*, artigo publicado recentemente na revista *Ler História*, Hugo Castro, Ricardo Andrade e António Branco, explicam a importância deste momento na história do grupo e das motivações que levaram aos seus membros a conjugar o trabalho já desenvolvido com as influências regionais, procurando assim uma revalorização da música tradicional portuguesa, distante daquela que tinha sido promovida até então pelo Estado Novo.

O grupo Raízes, que na sua origem até tocava hard rock, formou-se sob influência desta corrente que relacionava a reinterpretação do cancionário tradicional com o intervencionismo político, agora num contexto de reestruturação das frentes de luta, sobretudo devido ao golpe contrarrevolucionário de 25 de novembro. Grupos como o GAC, mas também a Brigada Victor Jara, foram portanto os grandes referentes que tornaram possível este álbum que é o resultado de um “esforçado trabalho de recolha e divulgação da música tradicional portuguesa”. *Malhão da Carvalhosa*, *Boiada* ou *Se fores à Erva* são alguns dos destaques de um repertório inteiramente minhoto que é também um reflexo do esforço de contacto com as tradições locais como resposta às tentativas de homogeneização musical por parte da ditadura. Um compromisso ainda hoje necessário que mantém o Grupo de Acção Cultural Raízes no ativo, constituindo um exemplo único de resistência em Portugal.



Clube Raiz

- Curadoria  
Ilídio Marques
- Produção  
Rita Maia
- Coordenação técnica  
José Pedro Caldas

Revista Raiz

- Coordenação editorial  
Luís Nobre
- Redação  
Cláudia Lomba  
Paulo Dumas
- Convidados neste número  
Armando Sousa  
Carlos A. Correia  
Elvira Lobo  
Raul Pereira  
Rui Miguel Abreu
- Design  
Design by OOF
- Fotografia  
Lais Pereira  
Adriano Ferreira  
Borges (p. 48, 50)
- Capa, contracapa  
e interior  
Alexandre Sá  
João Malheiro  
Lara Solino  
Margarida Mota  
Grupo Folclórico da  
Universidade do Minho  
Sinal Mágico  
Supermercados
- Impressão  
Lidergraf –  
Sustainable Printing
- Tiragem  
2.300 exemplares
- Depósito legal  
541631/24

A Equipa de Missão da Braga 25 resulta da colaboração entre o Município de Braga e a Faz Cultura – Empresa Municipal de Cultura de Braga, E.M.

Braga 25

- Capital Portuguesa da Cultura
- Coordenação Executiva  
Joana Meneses Fernandes
  - Coordenação programa artístico  
Luís Fernandes  
Ilídio Marques  
Sara Borges  
Maria Inês Marques
  - Gestão do projeto  
Ana Brito
  - Produção  
Natacha Correia  
Carolina Cardoso
  - Mediação  
Cláudia Cibrão
  - Comunicação  
Samuel Silva  
Mariana Volz

Câmara Municipal de Braga  
Divisão de Cultura do  
Município de Braga

[www.braga25.pt](http://www.braga25.pt)

## Agradecimentos

- Alexandre Sá
- Ana Lua Caiano
- Ana Luísa Gomes
- Ana Sofia Carvalheda
- André Marcos
- Antena 1
- António Fernandes
- Ao Sul do Mundo
- Associação Cultural Outra Voz
- Associação de Festas São João de Braga
- Bandua
- Batalhão de Bombeiros Sapadores de Braga
- Bit Dog Design
- Braga Media Arts
- Carolina Lapa
- Carolina Silva
- Catarina Lopes
- Catarina Vieira
- Circuito – Serviço Educativo Braga Media Arts
- Comissão de Festas da Nossa Senhora da Graça
- Comissão de Festas da Nossa Senhora do Carmo
- Comissão de Festas de Santa Eulália
- Daniel Pereira Cristo
- David Alves
- Diana Albuquerque
- Escola Artística Conservatório de Música Calouste Gulbenkian Braga
- ETA (Empresa Técnica Agrícola)
- ETRAD – Escola de Municipal de Vigo de Música Folk e Tradicional
- Évora 27 Capital Europeia da Cultura
- Fábio Oliveira
- Festival Castro-Galaico
- Festival Convergência
- Festival Sons do Noroeste
- Firmino Marques
- GFUM – Grupo Folclórico da Universidade do Minho
- Gnration
- Jaime Torres
- João Carlos Calixto
- João Malheiro
- Jorge Castro Ribeiro
- Junta de Freguesia de Arentim e Cunha
- Junta de Freguesia de Crespos e Pousada
- Junta de Freguesia de Padim da Graça
- Junta de Freguesia de São Vicente
- Junta de Freguesia de São Victor
- Junta de Freguesia de Sequeira
- Kenny Portugal
- Lara Solino
- Lavoisier
- Margarida Mota
- Miguel Gonçalves
- Mosteiro de Tibães – Património Cultural Instituto Público
- Moto Penedo
- Município de Guimarães
- Museu do Traje Dr. Gonçalo Sampaio
- Noite Branca Braga
- Padre Marcelino Paulo
- Paula Mota Garcia
- Produtores Associados
- Raul Pereira
- Rita Roque
- Rui Rodrigues
- Sinal Mágico Supermercados
- Susana Alves
- Teatro Circo
- União de Freguesias de Maximinos, Sé e Cidade
- Universidade de Aveiro
- Universidade do Minho
- Xavi Ballas

## Promotores

FAZ EMPRESA  
MAN. IN CULTURA  
DE BRAGA  
CULTURA

**BRAGA**

## Cofinanciamento

**NORTE 2030**  
Programa Regional do Norte

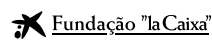


Cofinanciado pela  
União Europeia

## Parceiro institucional

TURISMO DE  
**PORTUGAL**

## Com o apoio





ARTIGO EM FOLHETO

Nabo (Molho)

Artigo 1.ª Qualidade

1

**BRAGA25**  
CAPITAL  
PORTUGUESA  
DA CULTURA